

**MORAES, Eliane Robert (org.). *Antologia da poesia erótica brasileira*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015. 504 p.**

Gustavo Ramos de Souza

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Cambé, Paraná / Brasil

avulsoaoavesso@gmail.com

Recebido em 28 de outubro de 2015

Aprovado em 1 de fevereiro de 2016

Hilda Hilst dizia que um bom livro erótico deveria passar no “teste do colo”, a saber, o leitor deixaria o livro sobre o colo e, se o livro começasse a levantar, é porque o objetivo foi atingido. Tal visão está afinada à concepção de Dominique Maingueneau,<sup>1</sup> para quem os textos pornográficos pertencem à paraliteratura, entendida como uma literatura que provoca no leitor um efeito determinado de antemão, nesse caso, excitá-lo sexualmente. Ora, mesmo que visar excitar o leitor fosse um defeito, não poderíamos rebaixar o erotismo ou a pornografia – tal distinção não cabe aqui – à categoria de paraliteratura, até porque nem sempre a literatura erótica comporta apenas essa dimensão e, indo mais longe: nem sempre a literatura erótica é capaz de excitar – isso varia de leitor para leitor. Aliás, Boris Vian<sup>2</sup> (1980) assinala que a literatura erótica só existe para o erotomaniaco, isto é, só encontra “sacanagem” num livro aquele que a procura, que a enxerga mesmo onde não há.

Assim, quando o leitor se depara com a *Antologia da poesia erótica brasileira* organizada por Eliane Robert Moraes, é preciso que tenha em mente, apesar da palavra “erótica”, que os poemas compilados pela pesquisadora, muito mais do que causar lascívia, frequentemente

---

<sup>1</sup> MAINGUENEAU. *O discurso pornográfico*.

<sup>2</sup> VIAN. Utilité d’une littérature érotique. In: *Écrits pornographiques*. Précédé de Utilité d’une littérature érotique.

provocarão riso, ou melancolia pelos desejos de outrora, ou puro prazer estético. O propósito dessa antologia, ao contrário de outras do gênero já publicadas no Brasil, como *Antologia pornográfica*: de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso, de Alexei Bueno, ou *Poesia erótica em tradução*, de José Paulo Paes, é catalogar a “pornografia desorganizada” nacional de que fala Mário de Andrade e serve de mote para a organizadora. A singularidade de sua antologia frente às duas anteriores é que, diferente de Paes e de Bueno, o *corpus* coligido é exclusivamente composto por textos nacionais; além disso, ao contrário de Bueno, que faz distinção entre textos pornográficos e eróticos e opta pelos primeiros, esta coletânea traz indistintamente poemas dos mais obscenos àqueles que apenas aludem à cena erótica.

Como revela na introdução da antologia, Moraes enfrentou algumas dificuldades em seu empreendimento, afinal, em primeiro lugar, no país temos uma erótica “desorganizada”, como bem o disse Mário de Andrade; em segundo lugar, e o obstáculo não se restringe apenas ao Brasil, a produção pornográfica foi e é objeto constante de censura, sendo muitas vezes difundida na clandestinidade. Quanto a isso, vale ressaltar o projeto gráfico da Ateliê Editorial, pois a capa alude à censura, na medida em que vemos se tratar de soneto no qual não é possível distinguir o assunto dos versos, provavelmente obscenos. É válido notar que a origem da palavra obsceno (*ob scaena*) remete àquilo que está fora de cena, portanto, escondido, proibido e, tal interdito, deve-se, segundo Frappier-Mazur, ao fato de que “ao contrário das outras palavras, a palavra obscena não só representa mas é a própria coisa”.<sup>3</sup> Assim, quando lemos uma palavra obscena num soneto – forma poética consagrada em poemas de amor escritos por Petrarca e Camões, por exemplo –, é causado um choque no leitor, pois, segundo Moraes, o contato entre a palavra escrita e a sacanagem, desdobramento entre o alto e o baixo, “implica um procedimento soberano da erótica literária, que é o rebaixamento”.<sup>4</sup> E, nas letras nacionais, Gregório de Matos é verdadeiro mestre no rebaixamento do amor e do próprio soneto, pois, amiúde, a sua poesia cria antítese entre as descrições angelicais da mulher desejada nos primeiros versos

---

<sup>3</sup> FRAPPIER-MAZUR. Verdade e palavra na pornografia francesa do século XVIII. In: HUNT, Lynn (Org.). *A invenção da pornografia: a obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*, p. 137.

<sup>4</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 23.

com desfechos escatológicos. A degradação é frequente nos poemas que compõem a antologia, seja por Matos, seja por Bernardo Guimarães, Laurindo Rabelo, Glauco Mattoso, entre outros.

Além da degradação do amor, outro *topos* recorrente na erótica brasileira é a paródia. Da lira fescenina, nada escapa: o célebre soneto de Camões dedicado à sua amada Dinamene – “Alma minha gentil, que te partiste” – é motivo de troça de Glauco Mattoso, que, seguindo a tradição satírica de Gregório de Matos, escreve nos versos derradeiros do “Soneto 133 – Bocágico-Camônico”: “Me fode, se teu pau não encurtou,/ até o fim da garganta, que, sem ver-te,/ com sebo e porra sabe o que levou”.<sup>5</sup> Já Paulo Franchetti dessacraliza a infância cantada pelo romântico Casimiro de Abreu em “Meus oito anos”, na reinvenção paródica “O fauno”: “Ai, que saudades sentidas/ Dos guris da minha infância!/ Das cuecas fedidas/ Que os ânus não trazem mais!”.<sup>6</sup> Mas o principal alvo é *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, havendo, apenas entre os poemas listados na antologia, três paródias: “Elixir do Pajé”, de Bernardo Guimarães, “Canto da Bugra”, de Múcio Teixeira, e “O canto do putu”, de Paulo Vellozo; é deste último os seguintes versos impagáveis: “Meu canto de puta/ Ó fanchos, ouvi!/ Sou fresco! Sou fruta!/ Veado nasci!”.<sup>7</sup> Para Moraes, “a dicção debochada e iconoclasta é de tal forma possante na nossa lírica licenciosa que constitui, sem dúvida, uma de suas principais linhas de força”.<sup>8</sup>

A comicidade que dá o tom de muitos dos poemas antologizados advém não apenas da degradação e da paródia, mas também da tendência ao exagero, como é possível observar já no título do soneto de Francisco Moniz Barreto, “A pica ressuscita a mulher morta”: “A pica o instrumento é que no mundo/ Mais milagres tem feito e mais proezas/ [...] É a pica – carnal, possante espada,/ Que o mundo, perfurante, emenda, entorta,/ E tudo vence, como bem lhe agrada”.<sup>9</sup> Temos, com o exagero, a reconfiguração do traço fundamental do erotismo: o excesso. Porém, Moraes opera uma distinção entre exagero e excesso. Em suas palavras: “o excesso designa uma disposição de desvio no modo de pensar, supondo

<sup>5</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 423.

<sup>6</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 437.

<sup>7</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 298.

<sup>8</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 41.

<sup>9</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 71.

sempre a burla de um paradigma; já o exagero, seja sintático, lexical ou mesmo semântico, implica uma operação de linguagem que pode – ou não – precipitar o excesso”.<sup>10</sup>

É interessante notar que, ao longo dos anos – e a antologia segue essa evolução –, ocorre uma inversão do rebaixamento do amor diante dos apelos da carne, tornando positivo o corpo em relação aos sentimentos elevados, como podemos perceber no soneto “A cagada”, de Luiz Leitão, em que o eu-lírico encontra o retrato da mulher amada em meio aos papéis sujos num banheiro de um Café e declara na chave de ouro: “provei que gosto dela até cagando”.<sup>11</sup> Algo semelhante é descrito no poema “Poesia pura”, de Rubens Rodrigues Torres Filho: “Então peido não é amor?/ Se vem do cu é menos expressão?/ Mais sonoro e sincero poema/ De amor, juro: estou para ouvir”.<sup>12</sup> Segundo Moraes, “se até o século XIX a alusão escatológica vinha degradar o poema de amor, a partir do século XX, sua presença concorre em sentido inverso, ampliando as possibilidades expressivas da lírica amorosa, a ponto de ser associada à ‘poesia pura’”.<sup>13</sup>

O ponto de inflexão, sugere a organizadora, seria o modernismo, uma vez que, ao reconsiderarem aquilo que culturalmente era tido como baixo, ao mesmo tempo que buscavam sintonia com as vanguardas europeias daquele período, os modernistas lograram “explorar as inúmeras possibilidades que a escrita obscena lhes descortinava”<sup>14</sup> muito além do deboche e da paródia, que davam as coordenadas na pornografia nacional. Para ela, ao contrário da estética do exagero de então, “os modernistas investem numa economia de meios então inusitada na literatura brasileira, que fará muitos herdeiros ao longo do século XX”.<sup>15</sup> Entre os herdeiros dessa tendência, podemos identificar José Paulo Paes, que, no poema “Epitalâmio”, recorre à polissemia, como, por exemplo, na última estrofe: “(falo/ da noite/ primeva nas águas/ do amor da morte)”.<sup>16</sup>

Moraes ressalta também que, a partir do modernismo, uma linha de força que se estabelece na lírica licenciosa é a elegia erótica. Todavia,

<sup>10</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 36.

<sup>11</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 249.

<sup>12</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 407.

<sup>13</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 25.

<sup>14</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 42.

<sup>15</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 43.

<sup>16</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 351.

se a elegia erótica romana caracterizava-se por um eu-elegíaco que se angustiava diante de mulheres que distribuíam favores sexuais, e não de donzelas virginais, a elegia erótica brasileira é marcada pela meditação melancólica da recordação amorosa. Moraes assinala que “no erotismo elegíaco o sujeito lírico se compraz com a evocação, quase sempre rememorativa, de uma cena que já não mais coincide com a celebração imediata dos prazeres da carne. Sublimado, o prazer se desloca para a meditação”.<sup>17</sup> Além dos exemplos mais claros, que são citados pela organizadora, como “Paisagem pelo telefone”, de João Cabral de Melo Neto, e “Bonbonnière”, de Paulo Henriques Britto, podemos encontrar em outro poema da antologia – “Poema da buceta cabeluda”, de Braulio Tavares – o prazer evocado pela lembrança do corpo da amada: “A buceta da minha amada/ tem pelos barrocos,/ lúdicos, profanos./ É faminta/ como o polígono das secas/ e cheia de ritmos/ como o recôncavo baiano”.<sup>18</sup> A rememoração da genitália da amada repete-se, variando a cada verso, ao longo de cinco estrofes, todas iniciadas com “A buceta da minha amada”. De certa forma, é como se, a cada estrofe, o eu-lírico conseguisse aproximar-se paulatinamente do seu objeto de desejo ora ausente, visando, mais do que evocar, transformar a palavra em carne.

Além do veio cômico e do elegíaco, Moraes aponta ainda outras linhas de força da erótica brasileira e que fazem parte de sua antologia: erótica confessional, em Pedro Nava e Ana Cristina Cesar; erotismo mítico, em Murilo Mendes e Péricles Eugênio da Silva Ramos; escrita obscena de inspiração concretista, em Décio Pignatari e Arnaldo Antunes; pornografia cósmica, em Roberto Piva e Dora Ferreira da Silva; cantos trágicos de Hilda Hilst, entre outras manifestações.<sup>19</sup>

Os únicos senões do livro são a ausência de Manuel Bandeira – os herdeiros do poeta não cederam seus poemas para a publicação – e o fato de pouquíssimas poetisas mulheres integrarem a antologia – o que José Paulo Paes já lamentava, e que se deve, mais do que a um descuido da organizadora, a uma conjuntura sócio-histórica, pois, se na nossa literatura são as poucas as mulheres que têm vez e voz, isso se acentua ainda mais no que diz respeito à escrita erótica, na medida em que a mulher enquanto sujeito da própria sexualidade permanece constantemente tolhida e

---

<sup>17</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 46.

<sup>18</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 421

<sup>19</sup> MORAES. *Antologia da poesia erótica brasileira*, p. 47-48

reprimida. Em todo caso, a publicação dessa antologia vem suprir uma lacuna que até hoje carecia de uma sistematização nos estudos literários do nosso país, além de permitir, diante da nova onda de obscurantismo que assola este início de século, que entremos em contato com uma das esferas mais fascinantes e misteriosas da atividade humana: o erotismo.

### Referências

FRAPPIER-MAZUR, Lucienne. Verdade e palavra na pornografia francesa do século XVIII. In: HUNT, Lynn (Org.). *A invenção da pornografia: a obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

VIAN, Boris. Utilité d'une littérature érotique. In: *Écrits pornographiques. Précédé de Utilité d'une littérature érotique*. Paris: C. Bourgeois, 1980.